



## “Laroyê exu mulher”: As pombagiras como representação de gênero na Quimbanda

Chaline de Souza<sup>1</sup>

### Resumo

Essa pesquisa tem como problemática o estudo dos discursos sobre as pombagiras, especialmente nos *pontos cantados*, em expressões orais e estudo de campo, durante os ritos religiosos de Quimbanda, delimitando ao culto da Fraternidade Estrela da Manhã. O estudo acerca dessa matriz afro-religiosa, que se classifica como tendo elementos do Candomblé, da Umbanda e da Quimbanda; bem como das representações femininas desenvolvidas a partir dos *pontos cantados*, torna-se relevante e justifica-se devido a considerável contribuição dessa matriz religiosa enquanto crença, doutrina, e assistencialismo. A pesquisa versa acerca de compreender se a imagem das pombagiras remeteriam a padrões éticos, morais e conceituais em termo de negação e recusa de alguns atributos femininos nelas representados.

**Palavras-chave:** Pombagira. Quimbanda. Gênero.

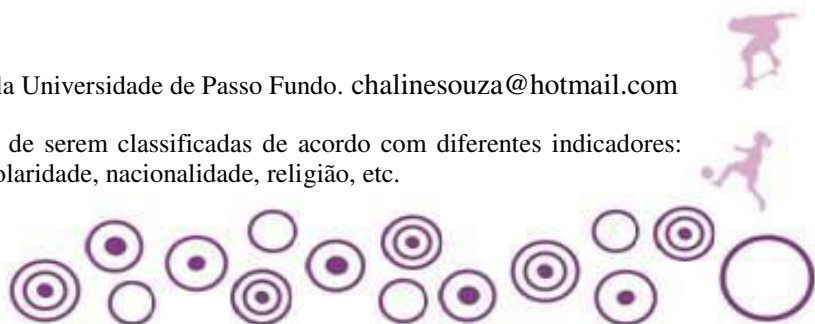
### Considerações iniciais


O estudo das religiões está crescendo muito nos últimos anos, também como resposta ao aumento de vínculo religioso que vemos no cenário nacional. Nesse sentido, o campo das religiões e religiosidades não pode ser negligenciado pela História e pelas demais ciências sociais, tendo em vista que o campo afro-religioso brasileiro é de fato muito relevante ao compreendermos suas contribuições nas construções culturais de nossa sociedade, todavia, percebe-se certa carência no que tange produções acadêmicas referentes aos temas gênero; quimbanda e pombagiras.

Entendendo nessa análise, a religiosidade afro-brasileira e seus múltiplos cultos como sendo uma manifestação cultural, estamos desse modo, inseridos numa nova preocupação historiográfica, a de entender o simbólico e suas interpretações. Percebe-se ao longo da elaboração dessa pesquisa e necessidade da utilização da memória no campo da reflexão histórica e da mobilização de uma metodologia de uma memória oral. Atrelando com a análise do conteúdo encontram-se os *personagens*<sup>2</sup>, sendo nesse caso pessoas que vivenciam o cotidiano desses espaços religiosos. Diante disso, privilegia-se pessoas que tenham uma

<sup>1</sup>Mestranda em História Cultural e Patrimônio pela Universidade de Passo Fundo. [chalinesouza@hotmail.com](mailto:chalinesouza@hotmail.com)

<sup>2</sup> Referindo-nos a pessoas particulares passíveis de serem classificadas de acordo com diferentes indicadores: nível socioeconômico, sexo, etnia, educação, escolaridade, nacionalidade, religião, etc.





trajetória dentro da religião, pessoas que ocupem lugar de destaque no seio de uma fraternidade profundamente hierarquizada (MACHADO, 2014).

Entendemos assim, a religião como uma ritualização da memória em um tempo cíclico, ou seja, a representação do presente, através de símbolos e encenações ritualizadas do passado (PRANDI, 2001, p. 50), fatos esses que garantem a identidade do grupo, e que para seus adeptos é uma prática legitimada pela fé.

A Fraternidade Estrela da Manhã, em que delimitamos a pesquisa, é uma organização afro-religiosa brasileira, organizada desde o ano de 2001, em uma associação regulamentada, que engloba o terreiro Reino de Xangô e Iansã, casa do Maioral localizada na cidade de Pedro Osório-RS; o Centro Fraternal Nossa Senhora Santana na cidade de Nova Prata – RS e o templo Guardiões do Mistério da Estrela na cidade de Guabijú – RS. Tendo em vista que por ser uma fraternidade que permanece nos dias atuais, estamos fazendo um trabalho acerca do tempo presente, porém percebendo que ele é afetado por diversos processos que se desenvolveram com o passar do tempo (BARROS, 2008).

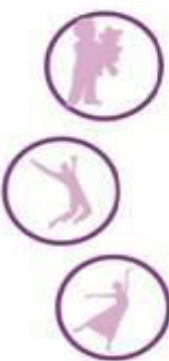
Como cada terreiro é singular e cada Pai ou Mãe de santo possui características próprias de culto. A Fraternidade Estrela da Manhã possui singularidades, tendo em vista o sincretismo entre Candomblé, Umbanda e Quimbanda em seus ritos. Enquanto elementos do Candomblé apresentam traços culturais mais próximos ao do imaginário africano, os traços da Umbanda vem imbuídos de características mais “abrasileiradas”, e a Quimbanda fomenta o surgimento de um culto específico à “linha de Exus e Pombagiras” (GOMES, 2016, p. 21).

### **Pombagiras, corpo e gênero**

No culto religioso afro-brasileiro presencia-se a existência de duas modalidades inequívocas de feminino, altamente diferenciadas: uma Orixá; outra, Exu, ambas detentoras de poder, força e número expressivo de adeptos que a elas recorrem.

As pesquisas sobre categorias de gêneros a partir dos anos finais do século XX nos permitem que haja a dialogo e análises acerca dos significados simbólicos que versam a mulher e homem ou feminino e masculino. Nesse sentido, percebe-se a importância do entendimento do gênero como uma construção social, para que os papéis e condutas tradicionalmente incumbidas a homens e mulheres possam ser alterados e no caso dessa pesquisa, possam ser analisados historicamente.





A gira<sup>3</sup> da Quimbanda está imersa aos sons dos tambores, às gargalhadas estridentes, às taças cheias, à fumaça, seja de seus cigarros ou charutos e vestidos exuberantes. Tentar entender elas enquanto analisáveis das questões de gênero é questionar se não estaremos categorizando entidades que parecem ser transcendententes às divisões impostas e construídas socialmente.

Nilza Lagos (2007) classificou como “chaves” de leitura, as relações entre religiosidade e gênero em espaços religiosos. Podendo assim, esses locais funcionarem como catalisadores da conscientização pelas mulheres de sua exclusão social e religiosa, assim:

A religião na qualidade de construção sóciohistórica e culturais, é para as mulheres um espaço ambivalente. Trata-se de espaços complexos, lugares de contradições, de reprodução mas que podem, em certas circunstâncias, propiciar alguma transformação das relações sociais (NUNES, 2005, apud LAGOS, 2007, p. 63).

Judith Butler (2003) em sua pesquisa trata de que às vezes há maneiras de minimizar a importância do gênero na vida, ou de confundir categorias de gênero para que elas não mais tenham poder descritivo. Porém outras vezes, para a mesma autora, o gênero pode ser muito importante para nós, e algumas pessoas realmente amam o gênero que reivindicaram para si mesmas. Desse modo, se o gênero foi erradicado, será um importante domínio de prazer para muitas pessoas. Enquanto outras têm uma noção forte de si presa aos seus gêneros, então acabar com o gênero seria destruidor para sua noção de si.


Analisarmos as pombagiras, entidades no panteão afro-religioso brasileiro como uma performance de atos do gênero, nos permite romper com outras categorias, como a de corpo, sexo e sexualidade, o que nos ocasiona na ressignificação dessas compreensões, a partir da ideia de que a pombagira rompe com estruturas já preestabelecidas. O fato de haver a crença na incorporação dessas mulheres nos faz remeter nossa pesquisa ao fato de entender o corpo enquanto performance de gênero.

Por mais que a construção do gênero vá muito além da designação de papéis e da construção de características, esses atos também são capazes de moldar corpos. O que o teórico francês Michel Foucault (1996) exemplifica como “corpos dóceis”, sendo o entendimento que ele desenvolveu a partir de análises de instituições sociais em que buscou entender como o poder se manifestava em esferas subjetivas, chamando de sociedade disciplinada. Embora Foucault (1996) não tenha se atentado em corpos femininos e masculinos, é interessante pensarmos como tais teorias da disciplina dos corpos se aplica a inscrição do gênero no corpo e na nossa pesquisa sobre as pombagiras.

---

<sup>3</sup> Quando se refere às incorporações, as sessões mediúnicas do terreiro.





As características ambíguas e transgressoras das pombagiras, ocupam no cenário religioso o que Beauvoir (1967) propõe, onde o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora que as limite. Essas entidades femininas vistas na Quimbanda evocam em suas essências múltiplas representações de feminino (LAGE, 2007, p.18). O que podemos nos basear nos pontos cantados que veiculam das tradições orais do povo de santo e mostram a associação dessas entidades em vários tipos de mulheres, em geral bonitas e sedutoras

De vermelho e negro, vestido dourado um mistério traz  
De colar de flores, brincos dourados a promessa faz  
Se é preciso ir, você pode ir, peça o que quiser  
Mas cuidado amigo, ela é bonita, ela é mulher  
E no canto da rua zombando, zombando, zombando está  
Ela é moça bonita girando, girando, girando lá  
(Ponto Cantado – Pombagira Dama da Noite)

Monique Augras, refere-se às entidades de Quimbanda como sendo

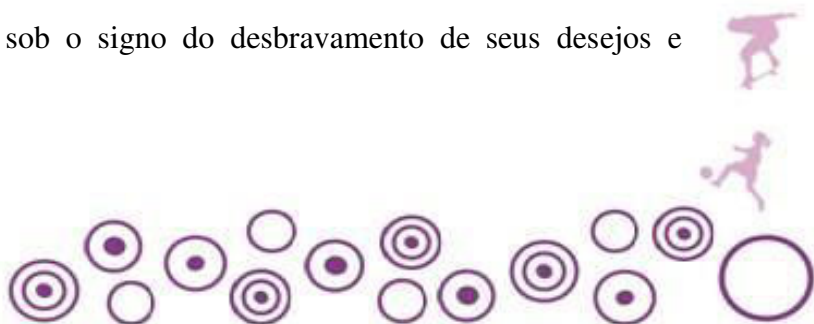
figuras transgresoras que se correspondem totalmente com a inversão de los valores estimados por la sociedad. Y todo lo relacionado con la sexualidad femenina, de origen a una nueva categoría de entidades designada con el vocablo genérico de Pomba Gira (AUGRAS, 2001, p. 295).


Percebe-se que as pombagiras estão extremamente ligadas, seja no discurso afro-religioso, ou de pesquisadores, à sua função de suprir demandas de consulentes e médiuns no âmbito sexual. Dessa forma, elas rompem com a organização fálica acerca da sexualidade.

As mulheres que não reconhecem essa sexualidade como nua, ou não compreendem sua sexualidade como parcialmente construída nos termos da economia fálica são potencialmente descartadas por teoria, acusadas de “identificação com o masculino” ou de “obscurantismo” (BUTLER, 2015, p.55).

Essas entidades estão vinculadas a figura do exu, sendo esse o que Prandi (2001) classifica como ancestral iorubá, que preside a comunicação e toda transmissão, ligado diretamente ao corpo. Daí sua associação à alegria, ao gozo e ao prazer.

Nesse sentido, percebemos o quão esse cenário religioso é revelador ao que tange prescrições culturais hegemônicas acerca de gênero. Prescrições essas que modelam há séculos a feminilidade em torno da castidade e da maternidade, como se fosse função da mulher apenas satisfazer as necessidades e os desejos do outro, principalmente dos filhos que vier a ter, deixando de lado seus desejos, sua sexualidade e seus projetos profissionais, enquanto a masculinidade é modelada sob o signo do desbravamento de seus desejos e sexualidade (HEILBORN *et al.*, 2016).





Nos ficou visível durante as análises que a pombagira, enquanto mulher, é tão importante quanto à figura do exu. Sabendo que no ocidente envolto às culturas patriarcais, e às delimitações de moralidade, com certeza teria sua imagem ligada a algo diabólico e à promiscuidade, porém no culto da Fraternidade Estrela da Manhã, essas mulheres ultrapassam o bem e o mal, a moral e o imoral, e são importantes tanto quanto as demais entidades cultuadas. É nesse sentido, que as pombagiras rompem com estereótipos de alienação e às experiências de dominação, elas afloram o senso e o desejo de autonomia em todos que delas se consideram protegidos.

O que Barros (2013) sugeriu ao falar que o que as pombagiras são hoje é também o que permaneceu, porque foi preenchido de sentido, é o que percebemos no culto de Quimbanda da Fraternidade estrela da manhã. Sendo que a cada incorporação, das pombagiras já conhecidas e de outras tantas que poderão a vir se manifestar, surgem figuras femininas capazes de oferecer base às mais plurais possibilidades de vivências de gênero.

Nesse culto se observa que elas perpassam o sexual, a magia, o sagrado e o profano, construindo tipos sociais femininos, que mesmo marginalizados possibilitam aos seus médiuns viver o que não é dito ou aceito frente ao manto do cristianismo e conservadorismos. Estão elas, desse modo, em meio a doença, a cura, ao desapego e a luxúria, reiterando problemas arcaicos, mas respondendo as urgências do feminino contemporâneo.

## Referências

AUGRAS, Monique. Maria Padilla, reina de la Magia. **Revista Espanõla de Antropologia Americana**, Buenos Aires, p. 239-319, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARROS, Mariana. “Os deuses não ficarão escandalizados”: ascendências e reminiscências de femininos subversivos no sagrado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2013.

BUTLER, Judith E. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.

COSTA, Oli Santos da. **A Pombagira : ressignificação mítica da deusa Lilith** . Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Religião. Goiânia, 2015







FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOMES, Adriano Oliveira Trajano. **Os Exus no cosmo religioso umbandista: mudanças e ressignificações históricas com o diabo cristão**, Viçosa, AL (1960-2013). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.p.21

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela (Org.).

**Aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros.**

Garamond/Fiocruz: Rio de Janeiro, 2006

LAGE, Andréa M. **De rainha do terreiro a encosto do mal: um estudo sobre o gênero e ritual**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

LAGOS, Nilza de Menezes Lino. **Arreda homem que ai vem mulher: representações de gênero nas manifestações da Pombagira**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, UMSP. São Bernardo do Campo, 2007.

MACHADO, Gerson. **Os atabaques da Manchester: subjetividade, trajetória e identidades religiosas afro-brasileiras em Joincille/SC (1980-2000)**. Itajaí: Casa Aberta, 2014.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 46-63, jun./ago. 2001.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

